



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### ALCOOLISMO FEMININO: NOÇÕES PRELIMINARES

Fagner dos Santos Brito\*  
(UESB)

Suelen Gomes de Sena\*\*  
(UESB)

Luci Mara Bertoni\*\*\*  
(UESB)

#### RESUMO

O consumo excessivo do álcool é considerado, desde 1967, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), Síndrome de Dependência, acarretando sérias conseqüências para o organismo do alcoolista. Pesquisas comprovam o que há algum tempo vem sendo percebido no cotidiano, o aumento do consumo de álcool em geral e especialmente entre as mulheres. O deslocamento do espaço social feminino contribuiu para que o quadro de dependência se agravasse, as exigências da sociedade e a busca de igualdade por parte das mulheres em relação aos homens evidenciaram, também, patologias antes tidas como masculinas, no caso do álcool, algo muito prejudicial, já que este age de maneira diferente nas mulheres. Apesar do efeito do álcool se dar de maneira diferente no organismo feminino e masculino, o tratamento social deve ser idêntico para ambos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alcoolismo; Mulher; Dependência; Sociedade.

---

\* Graduando do VI Semestre do curso de licenciatura plena em História da UESB. Membro do grupo “Museu Pedagógico: estudos e pesquisas sobre drogas e álcool”. E-mail: fagnerbritto@yahoo.com.br.

\*\* Graduada do VI Semestre do curso de licenciatura plena em História da UESB. Membro do grupo “Museu Pedagógico: estudos e pesquisas sobre drogas e álcool”. E-mail: suelensena@hotmail.com.

\*\*\* Professora da UESB e coordenadora do grupo “Museu Pedagógico: estudos e pesquisas sobre drogas e álcool”. E-mail: lumabertoni@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### INTRODUÇÃO

De acordo com historiadores, desde a pré-história, o álcool faz parte da humanidade. “Registros arqueológicos revelam que os primeiros indícios sobre o consumo de álcool pelo ser humano datam de aproximadamente 6000 A.C., sendo, portanto, um costume extremamente antigo e que tem persistido por milhares de anos” (CEBRID, 2009).

Com o advento da revolução industrial no fim do século XVIII, foi facilitado o acesso ao produto, conseqüentemente aumentando o consumo. De acordo com Laranjeira e Pinsky (2001, p. 9),

a partir da revolução industrial inglesa, alguns fatores contribuíram para mudar o caráter do uso do álcool pela sociedade. Em primeiro lugar, passou-se a produzir álcool não mais de forma artesanal, mas industrialmente, em grandes quantidades. Além disso, modificou-se também o tipo de bebida fabricada em virtude da criação de tecnologia para produzir destilados na forma de Gim, com um conteúdo alcoólico muito maior.

O consumo excessivo do álcool é considerado, desde 1967, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), Síndrome de Dependência, acarretando sérias conseqüências para o organismo do alcoolista. O dependente do álcool não prejudica apenas sua saúde, os danos são causados também em relação a família e a vida social.

Pesquisas comprovam o que há algum tempo vem sendo percebido no cotidiano, o aumento do consumo de álcool em geral e especialmente entre as mulheres. De acordo com pesquisa realizada pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID, 2001), 11,2% da população brasileira é dependente do álcool, sendo 17,1% de homens e 5,7% de mulheres.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Não obstante, desde o século XIX tenha sido o alcoolismo, motivo de estudo por parte da medicina, apenas a partir do segundo quartel do século XX que este assume definitivamente – ao menos para a maioria da comunidade científica – a condição de patologia, visto que até então era tido preferencialmente como problema moral, como afirma a psicóloga francesa Jan Bauer (2003, p. 19):

De um modo geral, apesar do verniz de objetividade que uma certa classificação lógica emprestou ao assunto, a atitude dos médicos que se ocupavam do alcoolismo era dominada sobretudo por um ponto de vista moral: o alcoolismo era considerado mais um vício e um sintoma de degradação moral do que uma doença.

O alcoolismo feminino era identificado com maior incidência entre as mulheres de meia idade (40-50 anos) por diversos motivos que no seu conjunto recebeu o nome do “ninho vazio”<sup>71</sup> (MUNIZ, 2009). Quando os filhos crescem e naturalmente saem de casa acontece uma desestruturação do que se convencionou como modelo familiar. Então a mulher anteriormente adaptada a uma rotina, agora se vê sem norte, não encontrando muitas vezes auxílio em seu companheiro, que por sua vez não sente o mesmo vazio que sua mulher, já que tem sua rotina quase que inalterada. Em decorrência do exposto, a mulher encontrava no álcool o preenchimento do seu ninho que até então se encontrava vazio. Uma das características mais marcantes entre as mulheres alcoolistas dessa faixa etária é que o consumo da substância se dá, geralmente, de forma solitária, discreta, entre os afazeres domésticos, numa forma de esconder o problema da família e da sociedade.

Pesquisas mais recentes (CEBRID, 2009) apontam que o consumo das bebidas alcoólicas pelas mulheres se inicia muito mais cedo, entre 18-25 anos. Não obstante ainda exista uma parcela significativa de mulheres ocupando o mesmo espaço social

---

<sup>71</sup>Embora não nos aprofundemos, o termo “síndrome do ninho vazio” que a autora utiliza tem sua origem na psicanálise.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

citado acima e enfrentando os mesmos problemas, na contemporaneidade o *locus social* feminino sofreu um grande deslocamento, passando das relações familiares para relações sociais mais amplas, principalmente profissionais. De um lado com as transformações nas relações de trabalho onde o sistema capitalista passa a exigir cada vez mais e retribuir cada vez menos, do outro a busca da mulher por um reconhecimento de igualdade perante os homens fez com que o mercado se abrisse para o gênero feminino. Conseqüentemente, as exigências em relação a mulher aumentaram, soma-se a condição de “dona de casa” à de profissional, assim ela assume uma jornada dupla para logo em seguida se tornar tripla, pois esse mesmo mercado que abriu suas portas para a mulher agora passa a lhe cobrar aperfeiçoamento encontrados nos estudos, então a mulher passa a ser a antiga “dona de casa” ao mesmo tempo que profissional e estudante. Com isso, elas também passaram a adquirir algumas patologias sociais anteriormente mais comuns entre os homens, dentre essas patologias se encontra o alcoolismo, que traz inúmeras repercussões negativas para a mulher, principalmente em relação à saúde, pois as conseqüências sofridas pelas mulheres alcoolistas acontece de forma diferenciada quando comparadas com o que acontece com o organismo masculino, ou seja, os malefícios surgem muito mais precocemente nas mulheres, um dos motivos para que isso ocorra é o fato das mulheres serem metabolicamente menos tolerantes ao álcool que os homens.

A mulher tem uma concentração de gordura corpórea maior, o que faz a quantidade de líquido seja menor. Conseqüentemente, quando o álcool é ingerido atinge concentrações sanguíneas maiores. O álcool é hidrossolúvel. Também nas mulheres a absorção do álcool é mais eficiente, contribuindo para essa maior concentração. (LAPATE, 2001, p. 127).



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Além dos problemas orgânicos mencionados acima, a mulher ainda sofre com os preconceitos sociais. Enquanto o homem alcoolista é visto como vítima, a mulher sofredora da mesma patologia é encarada como fraca e moralmente inferior, isso é muito perceptível nos núcleos familiares. Quando identificado um caso de alcoolismo masculino na família, esta se reúne e passa a buscar soluções para o problema, apoiando-o – em muitos casos – incondicionalmente, tendo na mulher, sua companheira, um “porto seguro” em que ele pode confiar. Em contrapartida, quando identificado um caso feminino, geralmente, o núcleo familiar tende a afastá-la renegando a existência do problema, a mulher alcoolista se vê só e desamparada, sendo o problema percebido como de cunho moral e ao contrário do gênero masculino, o seu companheiro muitas vezes é o primeiro a abandoná-la.

Este aumento no consumo de bebidas alcoólicas por parte das mulheres pode ser demonstrado em dados estatísticos publicados em recentes pesquisas (alcoolismo, 2009). Percebe-se um aumento em todas as faixas etárias: na faixa acima de 35 anos o percentual é de 5,4% de mulheres para 16% de homens que bebem de maneira excessiva; dos 25 aos 34 anos é de 9,4% de mulheres para 23,1% de homens; dos 18 aos 24 anos é de 15,2% de mulheres para 28,3% de homens; dos 12 aos 17 anos é de 6,4 de mulheres para 4,9 de homens. Observa-se nos dados que quanto mais jovens, menores são as diferenças entre homens e mulheres, chegando na adolescência o gênero feminino ultrapassa o masculino.

Ao perceber esse aumento a indústria de bebidas investe maciçamente no público feminino. Em 2007, a AMBEV (Companhia de Cerveja das Américas) veiculou uma campanha da cerveja visando tal parcela de consumidores – “Puerto Del Mar: a cerveja para mulheres decididas”. O produto possuía características apropriadas para o gosto feminino, por exemplo, enquanto o teor alcoólico das marcas mais conhecidas nacionalmente varia entre 4,7% e 4,9%, a Puerto Del Mar possuía 4,3%, o gosto também era mais suave, ou seja, intensificando assim ainda mais a sensação de



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

leveza. Nas propagandas das marcas tradicionais sempre existe a figura da mulher, que *a priori* seria para chamar a atenção do público masculino, mas sempre mostrando mulheres lindas e saudáveis sendo cortejadas por vários homens passam a criar no imaginário feminino um modelo de mulher ideal, que sempre está acompanhada de uma cerveja.

O tratamento em geral para os alcoolistas é aplicado segundo o entendimento do problema por aqueles que se encarregam de tratá-los. Não obstante, a maior parte daqueles que se dedicam ao tratamento do alcoolismo, mesmo aqueles que consideram este problema sendo de cunho patológico, ainda existem alguns profissionais que seguem linhas teóricas que levam em consideração o aspecto moral anteriormente ao patológico, como afirma Jan Bauer (2003) ao classificar os tratamentos clínicos e psicológicos dentre tantos ela nos fala sobre o modelo moral “molhado”

Esse modelo de alcoolismo é, provavelmente, o mais disseminado em nossa cultura. Para o alcoólatra, é também o mais traiçoeiro, pois não reconhece a possibilidade objetiva de a bebida a ser prejudicial a certas pessoas. Em vez disso, lança toda culpa sobre o bebedor, cuja inserção na sociedade pressupõe que ele faça exatamente aquilo que não pode fazer, isto é, beber normalmente. (BAUER, 2003, p. 27)

No caso do tratamento específico para mulheres, a autora supracitada nos mostra que a mulher, primeiro teve que lutar para ser reconhecida como vítima do álcool, ou seja, como uma doente. O grupo dos Alcoólicos Anônimos (AA) relutou bastante para aceitar mulheres entre seus membros, apenas a partir de meados da década de 1960 é que as mulheres passaram a ser aceitas sem restrição nos grupos. Apesar das mudanças ocorridas em relação ao tratamento das mulheres alcoolistas, na sociedade ainda predomina o pensamento de que a mulher, antes de doente, é fraca e moralmente duvidosa, segundo Goffman (1988, p. 11) “a sociedade estabelece



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”, mas este tipo de pensamento não está descartado totalmente por especialistas no assunto, como nos mostra Jan Bauer:

Em princípio, a atitude para com as mulheres alcoólatras seria mesmo que para com os homens na mesma situação. Ou seja, todos têm uma doença e o sexo pouco importa. Os médicos, porém, são humanos e não conseguem escapar à influência de preconceitos arraigados que a todos nos afetam, não importa quão livres e conscientes sejamos de nossos complexos, pessoais e coletivos (2003, p. 38-39).

O tratamento diferenciado, dado a homens e mulheres que consomem álcool pode ser verificável desde a antiguidade, nas palavras de Lapate:

No mundo romano pré-imperial, admitia-se executar qualquer mulher descoberta nas proximidades de uma bodega. Tito Lívio conta como um patrício matou sua esposa quando a descobriu bebendo, e refere também o caso de uma mulher muito jovem condenada pela sua família a morrer de fome porque foi flagrada abrindo o armário onde estavam as chaves da adega. (...) Pesquisadores indicam que o número de mulheres alcoolistas começou a aumentar com o final da II Guerra Mundial, associado com a entrada no mercado de trabalho e espaço na vida política. Aspectos culturais também contribuíram. O número de mulheres dependentes de álcool dobrou na última década. Esse crescimento dos casos é um fenômeno mundial e conseguiu-se importantes avanços na compreensão da história natural do alcoolismo nas mulheres (2001, p. 126).

Por tudo que já foi exposto até aqui podemos concluir que apesar do efeito do álcool se dar de maneira diferente no organismo feminino e masculino, o tratamento social deve ser idêntico para ambos. Se hoje temos presenciado o aumento do consumo desta substância entre as mulheres, deve-se ao fato desta ocupar espaços



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

sociais diferentes. Pensamos ser impossível prescrever uma “receita” para solucionar o problema. Com efeito, é nítido que a sociedade como um todo necessita dar maior atenção a esta questão. Faz-se necessária a implementação de políticas públicas de prevenção, principalmente direcionadas ao público adolescente, com destaque para as meninas visto que os dados aqui mencionados comprovam que o consumo de álcool entre esse grupo tem aumentado significativamente.

### REFERÊNCIAS

<http://www.cebrid.epm.br/>

BAUER, Jan. **O alcoolismo e as mulheres: contexto e psicologia.** Trad. Gilson Cesar Cardoso de Sousa. São Paulo: Cultrix, 1982.

<http://www.cebrid.epm.br/>

**Error! Hyperlink reference not valid.**29/05/2009.

<http://www.alcolismo.com.br/>

ALCOOLISMO. Disponível em [www.alcolismo.com.br](http://www.alcolismo.com.br). Acesso em 29/05/2009.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

LAPATE, Vagner. **Hora Zero: a independência das drogas – antes que os problemas cheguem.** São Paulo: Scortecci, 2001.

LARANJEIRA, Ronaldo; PINSKY, Ilana. **O alcoolismo.** 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2000.